

**Marina Torres Trimállez, *Con un catequismo salvaré un reino: la empresa franciscana en China en la Edad Moderna*, Granada, Editorial Comares, 2022, 251 p., ISBN: 978-84-1369-470-2.**

O estudo da missionação católica na China entre os séculos XVI e XVIII tem conseguido absorver ao longo dos anos um número relevante de investigadores oriundos de distintas geografias. Não obstante, mais recentemente, a Península Ibérica tem cultivado poucos pesquisadores da temática (situação que mais se acentua no caso português), o que contrasta, desde logo, com a importância histórica assumida pelas soberanias hispânicas no desenvolvimento dos proselitismos asiáticos à época.

A despeito dessa exígua representação quantitativa, não tem, todavia, faltado rigor científico nos trabalhos levados a público por esses estudiosos. Marina Torres demonstra-o. Tendo-se doutorado em 2019 pela Universidade de Cantábria e acumulado experiências de investigação em Taipé, Roma, Lisboa e Lovaina, esta historiadora espanhola vem elaborando um conjunto de pesquisas que já logrou deixar a sua marca na historiografia. *Con un catequismo*, a versão adaptada e atualizada do seu trabalho doutoral, bem o exemplifica. Compreenda-se porquê.

No panorama historiográfico atual, o exame das evangelizações nas paragens mais a oriente do espaço europeu ainda se depara com os efeitos de uma tendência anterior que postergou a consideração da atuação das ordens mendicantes em favor de um enfoque na Companhia de Jesus. Enquadrado pela profusão de publicações acerca da congregação inaciana sentida desde a transição para o terceiro milénio, aquilo que Emanuele Colombo definiu sugestivamente como “jesuitomania”, esse ramo do conhecimento histórico quase se configurou como uma repartição dos estudos jesuíticos<sup>1</sup>.

Ademais, a avaliação de uma controvérsia sobre os limites da adaptação da religião católica à envolveria sociocultural sínica (a querela dos ritos chineses) ocupou por certo tempo boa parte dos investigadores, inclusivamente os interessados pela ação mendicante. Facto que ofuscou outras temáticas históricas, que estudos subsequentes ficaram de prosperar, como a transformação do cristianismo em complemento de uma espiritualidade local diversificada,

---

<sup>1</sup> Emanuele Colombo, “Gesuitomania. Studi recenti sulle missioni gesuitiche (1540-1773)” in Michela Catto, Guido Mongini and Silvia Mostaccio (ed.), *Evangelizzazione e globalizzazione. Le missioni gesuitiche nell’età moderna tra storia e storiografia*, Rome, Società Editrice Dante Alighieri, 2010, p. 31-59.

os entrecimentos de tradições rituais chinesas e cristãs ou as dinâmicas de cooperação entre os elementos das diversas ordens religiosas que compuseram a ambiciosamente propalada “conquista espiritual do Oriente”<sup>2</sup>.

Neste contexto, porém, Torres invocou um propósito singular, o de, tomando como ponto de partida as missões franciscanas na China, situar a ideia cristã de “resgate” como motriz da conduta proselitista. Associada a uma entendida restituição espiritual e física dos indivíduos decorrente da sua integração no catolicismo, essa foi uma noção que a historiadora decidiu perscrutar através de duas das suas manifestações: os batismos da população natural e o acolhimento de crianças abandonadas. Fê-lo no decurso das três secções que estruturam este livro, às quais ainda se somaram, no final, alguns anexos com exemplos de arte religiosa de origem asiática e uma cronologia da querela dos ritos chineses.

Na primeira dessas secções, foi dado protagonismo a um exemplo de transmissão seráfica dos valores e características do sacramento do batismo às audiências chinesas. Com efeito, Torres invocou uma obra de teor catequético redigida em língua sínica pelo frade valenciano Francisco Peris de la Concepción (1635-1701), em articulação com letrados locais, nos finais do século XVII. Inserido num modelo de missão que se serviu da produção literária impressa para a efetivação do seu objetivo maior, a conversão das populações, e que foi estimulado pela cultura letrada do Império Celeste, o escrito do franciscano destacou-se, ainda assim, pelo modo como divulgou uma súpula dos preceitos católicos criada na órbita do momento batismal e pelas suas particulares aproximações à mundividência chinesa, as quais fazem, por vezes, questionar se o franciscano estaria cômico do seu potencial conflituante com a ortodoxia católica.

Estas aproximações são valiosas para a revisão de certos entendimentos historiográficos tendentes a considerar práticas adaptativas e as interações culturais que as sustentaram como atributos exclusivos da experiência

---

<sup>2</sup> Respetivamente, Eugenio Menegon, *Ancestors, Virgins, and Friars: Christianity as a Local Religion in Late Imperial China*, Cambridge (Massachusetts) and London, Harvard University Asia Center, 2009; Nicolas Standaert and Ad Dudink (ed.), *Forgive Us Our Sins: Confession in Late Ming and Early Qing China*, Sankt Augustin; Nettetal, Institut Monumenta Serica; Steyler Verlag, 2006; Nicolas Standaert, *The Interweaving of Rituals: Funerals in the Cultural Exchange between China and Europe*, Seattle & London, University of Washington Press, 2008; Yang Hongfan, *Ite missa est—Ritual Interactions around Mass in Chinese Society (1583-1720)*, Leiden; Boston, Brill, 2022; e Cristina Costa Gomes e Isabel Murta Pina, “Em fuga pela China: um bispo dominicano em defesa de um padre jesuíta (1689-1691)” in Cristina Costa Gomes, Isabel Murta Pina, José Manuel Fernandes and Maria João Pereira Coutinho (ed.), *Rastos dominicanos: de Portugal para o mundo. 600 anos da Província Portuguesa. Homenagem a Fr. José Augusto Mourão*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2022, p. 267-295.

missionária jesuítica. Além disso, o texto de Peris, não podendo ser tomado, nas palavras da autora, como “reflexo do que se levou a cabo na China, mas do discurso em torno do batismo que este franciscano quis deixar por escrito”<sup>3</sup> (p. 71), quando analisado, levanta o véu de uma “cultura missionária” formulada muito graças aos diálogos estabelecidos entre os elementos das diferentes ordens religiosas atuantes na região. Diálogos estes que estudos sobre fenómenos como a querela dos ritos chineses frequentemente solapam.

No entanto, um aspeto na reflexão da investigadora parece problemático. Ocasionalmente, a proposta do frade apareceu descrita como representativa da dos seus correligionários, como “o discurso franciscano em torno do batismo”<sup>4</sup> (p. 75) propriamente dito, mesmo que, perante o quadro intercultural que a enformou, Torres tivesse reconhecido, adequadamente, que cada missionário “se relacionou de forma única com a realidade chinesa”<sup>5</sup> (p. XXII). Assim sendo, não teria sido a experiência de Peris suficientemente singular para se ter evitado o que aparenta ser a generalização das suas posições? Fica a questão.

O seguinte capítulo da obra transportou a primeira manifestação do ideal cristão de “resgate” para um plano mais concreto, o da administração dos batismos. Nessa senda, Torres apoiou-se, de modo especial, em dois livros de batismos pertencentes ao franciscano italiano Carlo Orazi da Castorano (1673-1755). Hoje conservadas na Biblioteca Apostólica Vaticana, estas fontes históricas, atinentes a um território de missão localizado na atual província chinesa de Shandong e a uma cronologia que abrange a primeira metade do século XVIII, revelaram-se particularmente úteis pela dimensão e alcance temático dos seus registos.

Através da sua exploração, com recurso a inúmeras tabelas e gráficos para a organização dos dados, a autora não somente descreveu e procurou entender a evolução do número de batismos como também refletiu sobre o influente contributo dos catequistas nativos para o acrescentamento dessas cifras nas missões (sempre a braços com um limitado contingente eclesiástico europeu). Em símil tom, Torres sublinhou a participação local nos instantes do batismo quando invocou os padrinhos e madrinhas dos neófitos referenciados na documentação, entre os quais se descobriam catequistas, as suas esposas, outras mulheres batizadas e vários auxiliares (“domésticos”) dos religiosos.

---

<sup>3</sup> A tradução da passagem citada, e das demais que vierem a surgir, é da nossa autoria. No original: “reflejo de lo que se llevó a cabo en China sino del discurso en torno al bautismo que este franciscano quiso dejar por escrito” (p. 71).

<sup>4</sup> No original: “el discurso franciscano en torno al bautismo” (p. 75).

<sup>5</sup> No original: “se relacionó de forma *única* con la realidad china” (p. XXII). Itálico da autora.

Todos estes elementos evidenciam a participação ativa e fundamental dos atores chineses na substanciação do coevo proselitismo católico. Como tal, contribuem para o reforço de uma tendência historiográfica que encontrara já nos trabalhos de Nicolas Standaert, Nadine Amsler, Emanuele Raini e Hsieh Chia-wen, além do de Haruko Nawata Ward para a vizinha missão do Japão, provas dadas da assunção pelos autóctones (mulheres e homens) de funções como as de líderes de comunidades cristãs, catequistas, assistentes, mediadores culturais, tradutores e patrocinadores, essenciais para o esboroamento de precedentes conceções eurocêntricas que os tomavam por objetos de uma história alavancada pelos europeus<sup>6</sup>.

Na terceira e derradeira secção do livro, as crianças nativas foram colocadas no centro da reflexão. Principiando com algumas das especificidades da promoção do batismo pueril, Torres acabou esquadrinhando o acolhimento de crianças abandonadas realizado por clérigos e convertidos (em vários casos, mediante a compra das mesmas) e os destinos de algumas delas enquanto produtos da conceção cristã de “resgate” aplicada na China imperial. Isto permitiu à autora demonstrar que, além de alentadas por noções como as de reciprocidade, humanidade e caridade, estes fenómenos viram-se sempre condicionados por contextos sociais, culturais e políticos que justificavam, promoviam e regulavam iniciativas de cariz assistencial e pelos atores históricos que se movimentavam no seu interior.

Sem embargo da importante atenção dada à puerícia nativa, a historiadora espanhola resvalou num modelo historiográfico que mais facilmente tem analisado as crianças enquanto objetos das iniciativas missionárias dos religiosos europeus. À semelhança do que já se verificara com Liam Brockey, na sua descrição da inserção das mesmas em grupos dedicados à sua formação espiritual na China Ming-Qing, conhecidos como “Confrarias dos Anjos” (*Confraternities of the Angels/ Tianshen hui*), ou com Giulia Falato, na sua reflexão sobre o modo como a pedagogia europeia encontrou e dialogou com a pedagogia chinesa e as consequências culturais dessa interação, as crianças

---

<sup>6</sup> Nicolas Standaert, *Chinese Voices in the Rites Controversy: Travelling Books, Community Networks, Intercultural Arguments*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 2012; Nadine Amsler, *Jesuits and Matriarchs: Domestic Worship in Early Modern China*, Seattle, University of Washington Press, 2018; Emanuele Raini, “Catechisti e capi laici delle comunità nella storia della Chiesa in Cina. Prospetto storico e documenti”, *Urbaniana University Journal*, 2019, 2 (2019), p. 97-156; Hsieh Chia-wen, “Forgotten Assistants behind the Scenes: Assessment and Case Studies of Xianggong in the Late Ming, Early Qing Catholic Church”, *Monumenta Serica*, 69, 1 (2021), p. 49-95; e Haruko Nawata Ward, *Women Religious Leaders in Japan's Christian Century, 1549-1650*, Farnham; Burlington, Ashgate, 2009.

nativas não deixaram de ser entendidas como absorvidas por fenómenos externos a elas, deixando pouco espaço para a compreensão de uma certa autonomia acional que as fontes históricas sugerem ter existido<sup>7</sup>.

Por conseguinte, conquanto o contributo de Marina Torres seja bem-vindo num processo de valorização destas figuras de tenra idade, ele não poderá eclipsar o muito caminho que ainda aguarda ser trilhado a esse respeito, sobretudo se se ambicionar alguma vez alcançar um entendimento holístico do lugar das crianças nas missões católicas na China. Só assim se compreenderá o verdadeiro significado da ideia formulada pela autora, mas não totalmente concretizada, de que: “As crianças eram não apenas objeto de evangelização mas também meio pelo qual atrair à Igreja um maior número de fiéis”<sup>8</sup> (p. 145).

Em suma, *Con un catequismo* provou ser um acrescento pertinente à historiografia. Os seus méritos ultrapassam o proposto objetivo de discernir a noção cristã de “resgate” materializada na China, tornando a leitura da obra, mais do que proveitosa, necessária para os que pretendam obter um conhecimento adequado de uma das mais incitantes etapas do espraiamento global do catolicismo no período moderno.

Guilherme Sousa

Universidade de Coimbra

guisousa160@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9408-1427>

---

<sup>7</sup> Liam Brockey, *Journey to the East: The Jesuit Mission to China, 1579-1724*, Cambridge, Massachusetts; London, England, The Belknap Press of Harvard University Press, 2008 e Giulia Falato, *Alfonso Vagnone's Tongyou Jiaoyu (On the Education of Children, c. 1632). The Earliest Encounter between Chinese and European Pedagogy*, Leiden; Boston, Brill, 2020.

<sup>8</sup> No original: “Los niños eran no sólo objeto de evangelización, sino también medio por el cual atraer a la Iglesia mayor número de fieles” (p. 145).

